

A TORCIDA RUBRO-NEGRA NO MARACANÃ

Melina Ferreira (UFF)

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em dezembro de 2007 e aprovado para publicação em fevereiro de 2008.

Resumo :

Com este estudo propus-me a refletir a temática das emoções, dentro da perspectiva contextualista, a respeito daquilo que tanto me fascinou ao realizar uma pesquisa intitulada “Observatório do Torcedor” durante o Campeonato Brasileiro 2007, paralela e anterior a esta, no Estádio Mário Filho – a torcida do Flamengo. Durante este Campeonato a torcida rubro-negra foi considerada a pivô da recuperação do seu clube, que, ao fim, ficou em terceiro lugar na classificação geral e, mais importante, garantiu a vaga para disputar a Libertadores das Américas. Dentro dessa perspectiva, e, a partir de Abu-Lughod e Lutz, atento-me ao “espetáculo” realizado por esta em dias de jogos, ao desempenho de suas torcidas organizadas, e busco refletir sobre sua importância neste cenário e sobre o que denominei “festa de alto exaltação” da mesma, usando para isso a análise dos discursos sobre as emoções e dos discursos emocionais tomados como práticas de contextos diversos, tecidos dentro do estádio e pela imprensa jornalística.

Palavras-chave: Torcida, Flamengo, emoção, Maracanã

Abstract:

The object of the present study is to reflect about emotions, giving focus to its contextual perspective and what fascinated me most during a research entitled "Supporter's Observatory" during the Brazilian Championship 2007 at the Mario Filho Stadium - the supporters of the football club Flamengo. The support of the fans was considered the flagship of the sportive recovery of the team in this championship, where it reached the third place in the league and the classification for the Libertadores das Américas Cup, which is the South American Champions League. In this perspective, and using the concepts of Abu-Lughod and Lutz, I drive my attentions to the "spectacle" created by the fans during games and the performance of its organized support. In this scenario I also reflect about what I called "Self-exaltation Party", using for this the analysis of speeches about emotions and emotional speeches considered as practices of distinct contexts, created inside the stadium and by the journalistic press.

Key Words: Supporters Clubs, Flamengo, Emotion, Maracanã

*“Domingo eu vou ao Maracanã
Vou torcer pro time que sou fã
Vou levar foguetes e bandeiras
Não vai ser brincadeira
Ele vai ser campeão
Não quero cadeira numerada
Eu vou à arquibancada
Pra sentir mais emoção
Porque meu time bota pra ferver
E o nome dele são vocês que vão dizer
O ôôô ôôô ôôô Mengo
O ôôô ôôô ôôô Mengo.”*

I. Apresentação

Antes de qualquer coisa, acho válido e necessário esclarecer que precedente à pesquisa no Maracanã não me identificava verdadeiramente – ou fielmente - com nenhum time de futebol; é claro, como muitos e muitas, somos iniciados(as) ou induzidos(as) a uma escolha, principalmente na infância e adolescência, seja pelo meio familiar, seja pelos grupos de socialização nos quais participamos. Destaca-se, nesse último caso, maior incidência entre os meninos, por possuírem o futebol como atividade de lazer e socialização majoritária.

O seguinte artigo é fruto do acaso, nunca havia pensado em estudar torcidas de futebol, muito menos aquilo que se configura nos estádios através do desempenho das torcidas, denominado por muitos de “espetáculo”. Todavia, uma pesquisa¹ me proporcionou a oportunidade de acompanhar os jogos do Campeonato Brasileiro no Rio de Janeiro, mais especificamente no Maracanã; e foi lá, no dia 04/10/07, jogo entre Flamengo e São Paulo, estádio quase lotado (aproximadamente 70 mil pessoas), onde, na companhia de meu pai, voltando primeira vez em 20 anos a assistir a um jogo do

Flamengo – seu time de infância - que pude perceber de perto algumas das emoções desencadeadas naquele cenário. Ele, embalado pelo canto em uníssono da torcida, alguns minutos antes do jogo ser iniciado, com um ar quase juvenil, olha entorno do estádio, emocionado, e, como quem estivesse convencido, diz - “O Mengão vai ganhar, nós vamos ganhar!”. De fato foi o que ocorreu, a ‘*nação rubro negra*’², que tinha seu time em 13º lugar, saiu vitoriosa por 1 a 0 em cima do São Paulo - 1º lugar na classificação geral e com o título do Campeonato quase ganho.

Indago-me: que fenômeno é esse que poderia explicar o engrandecimento em campo de um time tecnicamente inferior, como foi dito em vários jornais e debatido nos programas de esportes? Qual é o papel da torcida nessa vitória, e de quem é essa vitória? Creio que uma outra reflexão prévia, dentre outras que ainda surgirão, possa ser aqui abordada: como, sob quais termos, pode-se denominar de “multidão” uma heterogeneidade proporcional ao seu tamanho (re)unida, se não completamente, ao menos em voz, cantando, transmitindo e construindo emoções, em plena “Era do Desencantamento”, tal como acontece nos jogos intitutados clássicos? Poderiam até dizer, alguns céticos racionalistas, ou mesmo pós-modernos, que esses 70 mil nada mais representariam do que uma “multidão” desengajada e desconexa; talvez, dentre os possíveis discursos tecidos apareceria até uma releitura hobbesiana – o estado (ou estádio) do “*todos contra todos*”. Todavia, uma leitura de todo romântica da minha parte não nos levaria à resposta alguma, e mesmo se levasse, não se sustentaria, e a pergunta se faria novamente necessária. Se somos todos tão diferentes como, no momento do jogo, podemos estar tão unidos?³

Movida por tais indagações, comecei a observar nos demais jogos do Flamengo no Maracanã o diálogo entre as torcidas, e destas com o “campo”, os discursos sobre as emoções contidas nos cantos, nas expressões coletivas e individuais ao meu redor - pois

acredito que no particular encontram-se sim o universal – assim como os contextos em que estas se desenvolvem, e os sentimentos de vergonha, honra e respeito, que perpassam e tecem o universo masculino presentes nesse jogo que é o futebol .

Proponho-me a pensar a emoção não como um dado indiscernível no meio de um continuum de sentimentos, pois, a partir do momento em que, por intermédio de um ato coletivo, um grupo decidiu classificá-las reconhecendo apenas algumas delas, possibilitou-se a individualização de tais fatos como coisas sociais. E, tal como posto por Lila Abu-Lughod e Catherine A. Lutz (1990), é preciso analisar os discursos sobre emoção e discursos emocionais como práticas sociais de contextos diversos.

Pretendo também, com o auxílio de “o feiticeiro e sua magia” e “a eficácia simbólica” (Levi-Strauss, 1996)⁴, refletir sobre o papel denotado à torcida (e também incorporado pela mesma) em campo, quanto à responsabilidade pela boa atuação do time do flamengo, ou seja, a vitória.

Trato do futebol aqui, assim como o fez Roberto DaMatta (1982), tanto como um instrumento de socialização e coletivização, como uma fonte de individualização e possibilidade de expressão individual, que permite uma experiência de “horizontalização do poder”. Um veículo para uma série dramatizações da sociedade brasileira, dramatizações estas que configuram um rito, um modo através do qual a sociedade se deixa “ler” pelos seus membros, uma posição da qual um grupo conta uma história de si mesma para si própria.

É pela dramatização que um grupo individualiza um fenômeno podendo transformá-lo em instrumento capaz de individualizar a coletividade como um todo, dando-lhe identidade e singularidade.

II. Metodologia

Fazendo jus à honestidade metodológica de um trabalho que se quer por científico devo registrar primeiramente o quão prazeroso foi esse período de pesquisa, nela a expressão “ir ao campo”⁵ encarnou quase por completo todos os seus significados etimológicos. Fui embalada por minhas indagações, e as levei para o campo (antropológico), movida menos pelo intento de respondê-las, do que refletir sobre.

A observação participante foi escolhida como método investigativo; assim como nos ensinou Malinowski (1978) procurei deixar que os fatos falassem por si mesmos. Essa prática se mostrou de grande valor, pude, enfrentando algumas dificuldades nunca experimentadas antes – como prestar mais atenção à torcida do que ao jogo propriamente; ou prestar atenção, simultaneamente, aos dois - registrar, como estamos falando no âmbito discursivo das emoções, ações individuais, particulares e também coletivas, à medida que repetidas, dos torcedores, especialmente daqueles situados na cadeira especial do Maracanã, cuja configuração e especificidade serão explicitadas posteriormente, assim como o motivo da escolha deste setor.

Como já explicitado anteriormente, devido a minha pesquisa, assisti a um razoável número de jogos do Flamengo no Maracanã durante o Campeonato Brasileiro 2007 (quatorze no total), mas para o presente trabalho irei ater-me em 7 jogos do Flamengo contra os seguintes times: São Paulo; Vasco; Fluminense; Grêmio; Corinthians; Santos e Atlético/ PR – onde, em todos, exceto – Vasco x Flamengo, o mando de campo era do time rubro negro.

O primeiro jogo supracitado foi assistido da cadeira comum (antiga geral), os demais na cadeira especial. Em todos foram feitas anotações de campo, tendo como principal instrumento a observação dos desempenhos individuais e das torcidas, em resposta ao jogo e às informações e mensagens transmitidas pela Suderj, através do telão e do alto falante; salienta-se que, quando o mando de jogo era do Flamengo, a Suderj estava a trabalho do mesmo; também foram feitas perguntas informais aos torcedores a respeito das torcidas organizadas rubro-negras, simplesmente no intento de coletar suas opiniões sobre as mesmas.

Finalizando, analiso também algumas reportagens jornalísticas dos periódicos cariocas acerca da torcida e do time do Flamengo, pois creio ser este o lugar de expressão de um discurso repetido tanto no Maracanã, quanto nacionalmente.

III. Desenvolvimento

Deter-me-ei agora no perfil do grupo escolhido. Como já salientado, o primeiro jogo foi assistido da cadeira; nela percebi uma interação muito grande de uma parte da torcida, ali situada, com a torcida organizada “RAÇA”. Os torcedores, nos seus impulsos, pulos e gritos, constantemente tangiam o olhar em direção à arquibancada verde, lugar ocupado por ela, e cantavam. É necessário dizer que as músicas, quando não eram “puxadas” por essa torcida organizada, o eram pela “JOVEM” – torcida rubro negra rival da RAÇA. O fato de durante o jogo a torcida entoar os cantos em direção à organizada deixa nítida a característica de um diálogo estabelecido entre as torcidas, ou mesmo de uma resposta; e, se considerarmos o teor do canto mais repetido, torna-se ainda mais nítida a representatividade desta torcida e a função que assume de aglomerar todos os outros

torcedores (exceto aqueles pertencentes à JOVEM, visto que nesse momento, muitas vezes se calam) – a exemplo disso temos os noticiários que, ao falarem do desempenho da torcida do Flamengo, mostram freqüentemente fotos e vídeos da torcida organizada RAÇA. Entretanto, há mais um adendo que gostaria de registrar, e este é o canto a seguir:

*“Eu sempre te amarei
Onde estiver estarei
Oh meu mengo
Tu és time de tradição
Raça, amor e paixão
Oh meu mengo”*

Nele fica claro a noção de fidelidade, amor incondicional e tradição, (o termo “paixão” é muito designado ao time, como se o mesmo fosse apaixonante), há também presente a palavra “raça”, e creio que esta assume um significado duplo – raça: grande determinação; e RAÇA – torcida organizada. A partir de então, reflito até que ponto essa torcida organizada não é, além de uma extensão da torcida como um todo - e, ao mesmo tempo uma representadora da mesma - uma extensão do time rubro negro. A tradição do time, a sua história, é também revivida no estádio através dessa torcida, tanto por esta ter participado dela, quanto por levá-la ao campo, seja por meio de bandeiras do Zico ou de outros jogadores, ou mesmo devido a seu simbolismo emblemático adquirido ao longo do tempo. Sem duvidas é considerada um dos pivôs do desempenho geral.



[jogo Flamengo x São Paulo]

Devido ao que acabei de relatar resolvi aproximar-me geograficamente da torcida organizada. Todos os outros jogos foram assistidos da cadeira especial, ao lado da RAÇA (arquibancada verde, situada à esquerda da especial), que, não por coincidência, lotava e até superlotava.

Há algumas peculiaridades nesse setor do estádio; o preço do ingresso é o mais caro se comparado aos outros setores; é ocupado por indivíduos credenciados – a serviço do estádio - torcedores associados ao Clube de Regatas do Flamengo, e não associados. Por possuir um tamanho mais modesto, a cadeira especial proporciona um encontro assíduo entre os torcedores, que acabam por criar laços de amizades entre si e com os ambulantes (vendedores de alimentos e bebidas) daquele espaço.

A maioria dos torcedores assiste os jogos sentados, exceto aqueles que se espremem nas escadas (devido à superlotação) e aqueles que, em busca de maior excitação, ficam em pé em frente à grade inferior, mesmo sendo proibido. Esses últimos formam um grupo destacado do setor, muitos se conhecem, e sempre se aglomeram no mesmo ponto – do lado esquerdo, perto da divisa cadeira especial/ arquibancada verde.

Trago à baía a discussão introduzida por Norbert Elias⁶ sobre a possibilidade de expressão das emoções através do desporto. Sua teoria, fortemente instrumentalista e evolucionista, afirma que o esporte assume a função de libertação das tensões originadas das pressões sociais vividas por cada indivíduo, em destaque da sociedade moderna, os quais, devido ao “processo civilizador”, estariam sob um jugo maior de coerções disciplinares, encontrando no esporte uma “zona livre” para expressão de sentimentos (através de um controlado descontrole emocional – visto que não assume risco ou perigo).

“...muitas ocupações de lazer fornecem um quadro imaginário que se destina a autorizar o excitamento, ao representar, de alguma forma, o que tem origem em muitas situações da vida real, embora sem os seus perigos e riscos. Filmes, danças, pinturas, jogos de carta, corridas de cavalo, óperas, histórias policiais e jogos de futebol – estas e muitas outras atividades de lazer pertencem a esta categoria.” (Elias, 1985: 70).

O autor compara o jogo de futebol com a vida real, ou seja, trata a vida como um jogo, marcado por esperanças de sucesso e medos de derrota; afirmando a seguinte diferença: este - o futebol, é coletivo; jogado e sentido coletivamente; fato que, numa sociedade onde as pessoas estão mais isoladas, proporciona uma experiência mais agradável e libertadora.



[A foto acima foi tirada da cadeira especial, no momento da cobrança de pênalti a favor do Flamengo, contra o Vasco da Gama.]



[Acima e à esquerda, comemoração do gol.]

[Acima e à direita, torcedor comemorando
a virada de 2 a 1 encima do Vasco, acenando
em direção à RAÇA, no intervalo do jogo.]

Gostaria de alçar vãos maiores do que os propostos pelo autor, e refletir sobre essa experiência coletiva dentro do campo de futebol, vista por mim através da torcida do Flamengo, focando-me nos discursos sobre a emoção, tecidos pela imprensa, que repetem um “senso comum” sobre a mesma, e nos discursos tecidos dentro do estádio, através das minhas anotações de campo.

Como já sabemos o jogo de futebol no Brasil é permeado pelos sentimentos de vergonha/honra/respeito, esses não estão correlacionados pragmaticamente com a vitória ou a derrota, mas com o desempenho do time em campo; deste é sempre esperado e exigido, pela torcida, um desempenho que demonstre raça, vontade de ganhar, mesmo que tal meta

não seja, ao fim, alcançada. A determinação de ganhar o adversário é essencial, é uma demonstração de respeito ao time, à “camisa”, e aos torcedores.

Essa premissa também é aplicada a casos individuais. Dos jogadores de clubes regionais e, principalmente, dos selecionados são cobradas atuações que correspondam às expectativas dos torcedores – sempre permeadas por esses valores. Já se somam diversos casos em que, frente a derrotas consideradas humilhantes, torcedores de clubes acenam e jogam notas e moedas na direção de seus jogadores, fazendo referência ao dinheiro como a principal motivação para jogar por um clube (enquanto que esta, supostamente, deveria ser fruto de um “dom”, a motivação teria que transcender a própria paixão pelo clube e o profissionalismo, ela deve ser um dado natural, inscrito na vida do jogador – a qual ele deve provar, em campo, ser merecedor.)

Ao que parece, nesse Campeonato, essa estrutura se modificou e seus atores se reposicionaram na escala de poder. Os torcedores passaram de espectadores e participantes, ou seja, de assistentes do jogo, a heróis, atores principais, não só do espetáculo dentro do estádio, como também da vitória. Suas emoções vividas e transmitidas para o campo (para os jogadores) seriam a força necessária à vitória. Trago abaixo o relato de alguns jogadores publicado em jornal⁷

“Chorei muito contra o Santos. Sempre tenho que segurar as lágrimas. Essa torcida é impressionante.” - Renato Augusto (meia)

“Essa torcida é maravilhosa sempre nos apóia e se comporta como se fosse final de campeonato.” - Ibson (meia)

“Nosso torcedor recuperou o orgulho de ser rubro-negro depois de ser muito sacaneado pelos rivais.” - Joel Santana (técnico)

Essa troca se dá não só pela presença numérica de torcedores, fenômeno singular ao Flamengo, como também pela preparação estética e quase homogênea das torcidas, com bolas, bandeiras, etc., e, creio que mais importante, pela entoação dos hinos incitados pela torcida organizada, pelo telão, e alto-falantes do estádio.

Dessa forma podemos dizer que a torcida causa um encantamento muito próximo daquela presente na cura xamanística estudada por Levi Strauss em “O feiticeiro e sua magia” e “A eficácia simbólica”. Nesse estudo, o autor nos revela como uma sociedade, através do *consensus social*, denota ao feiticeiro a função de curandeiro, realizando partos difíceis mediados pelo canto. O canto é, na verdade, uma narrativa que visa reconstituir uma experiência real.

“O xamã fornece à sua doente uma *linguagem*, na qual se podem exprimir imediatamente estados não-formulados, de outro modo informuláveis. E é a passagem a esta expressão verbal (que permite, ao mesmo tempo, viver sob a forma ordenada e inteligível uma experiência real, mas, sem isto, anárquica e inefável) que provoca o desbloqueio do processo fisiológico, isto é, a reorganização, num sentido favorável, da seqüência cujo desenvolvimento a doente sofreu.” (Lévi-Strauss, 1996: 228)

Não estou a afirmar que para pensarmos através desse prisma deveríamos considerar o time do Flamengo como o corpo doente, e sua torcida como o xamã possuidor de uma função simbólica sobrenatural, psicológica, ou afetiva. O que tento aproximar são suas prática, suas condutas, assim como afirma o autor:

“... é necessário ver nas condutas mágicas a resposta à uma situação que se revela à consciência por manifestações afetiva, mas cuja natureza profunda é intelectual.” (ib: 112)

Os cantos entoados pela torcida transmitem valores que devem ser cumpridos em campo: “*time de tradição, raça , amor e paixão*”; “ *vencer, vencer, vence; uma vez flamengo , flamengo até morrer*”; “ *Um rubro-negro não tem medo de morrer*”. Cada um deles é cantado num momento específico do jogo: após uma jogada perigosa a favor (nesse momento os cantos se intensificam, como se chamassem os jogadores a mais uma tentativa rumo ao gol); também são entoados quando o placar é desfavorável⁸.

No caso da cura xamanística, Levi Strauss deixa claro que um dos motivos, talvez o principal, para que esta ocorra é o fato de tanto o doente quanto o xamã acreditarem nela, ou seja, de haver um consenso social.

Entre a torcida do Flamengo e seu time parece haver o mesmo tipo de acordo estabelecido explicitamente, embasado na dependência deste para com a ela [na sua ausência - nos jogos fora de casa, a vitória relaciona-se à sorte]. A fala de meu pai (redigida no início do trabalho) e de tantos outros torcedores que, ao se defrontarem com a torcida em campo não vêem nenhuma outra consequência que não a vitória, deixa isso claro. A nação rubro-negra intitulou-se (e foi intitulada) a mentora da classificação do time para a Libertadores das Américas, e essa era a sua meta, visto que o campeonato já estava perdido, por um lado; por outro, já declarava-se Campeã.

Durante os últimos jogos no Maracanã iniciou-se uma auto competição da torcida para bater recordes de público no Estádio.

O último jogo (Flamengo x Atlético /PR) teve um toque de final de campeonato, mas um campeonato particular – onde torcida e time saíram campeões. Através dos telões do estádio foram exibidos vídeos de campeonatos ganhos anteriormente; imagens dos principais artilheiros – incluindo, obviamente, o Zico; e mensagens que diziam: “*O Mundo é o Limite*”; “*Flamengo, campeão mundial*”; “*Nação rubro-negra, seja bem-vinda à sua*

casa.”; “*Flamengo, o primeiro pentacampeão do Brasil.*”; “*Nação rubro-negra e Maracanã, inseparáveis!*”; “*Nação rubro-negra campeã do Brasileirão 2007*”. Havia a dependência do resultado de outros jogos (que estavam ocorrendo concomitantemente) para assegurar sua classificação à Libertadores, dessa forma, toda vez que o placar de um desses jogos (favorável a classificação) era exibido no telão, seguidamente era exibido a mensagem: “*Mengão na Libertadores 2008!*” – tudo isso ao som do Hino transmitido pelos auto-falantes do estádio. Neste dia, o Flamengo saiu vitorioso de campo e a torcida, campeã.

Os jornais do dia seguinte ao jogo supracitado⁹ trouxeram pôsteres, não dos jogadores, mas da torcida rubro-negra [havendo, em apenas um, uma pequena foto dos jogadores no meio da foto da torcida (jornal “O Dia”)], todos com o dizer: “*A campeã do Brasil*”.

Essa competição paralela, o campeonato forjado pela torcida, demonstra uma ambivalência, ou mesmo polivalência, desta com o time - podemos considerá-la uma extensão do mesmo, todavia, à medida que estabelece uma relação de poder de superioridade, afinal, o Flamengo necessita dela para ganhar, essa característica se estende ou se perde, sendo suprimida pela relação de dependência estabelecida. Ao mesmo tempo, ao forjar um campeonato paralelo, sem competidor adversário, com título já garantido, a torcida destaca-se e se transforma numa figura autônoma – não diria alheia ao time, mas que o transcende. Registro aqui um fenômeno ilustrativo ocorrido no Maracanã durante o jogo contra o Fluminense – à exceção dos outros, neste, o Flamengo perdeu por 2 a 0. A torcida rubro-negra cantou e festejou mesmo com o placar desfavorável, o hino citado no corpo do texto, foi repetido enumeras vezes ao final do jogo. Pergunto-me, então: Quem foi derrotado? Onde, nesse momento, se esconderam os sentimentos de vergonha, honra e

respeito? A torcida não conseguiu realizar a sua meta, fazer o time ganhar, entretanto, de lá não saiu derrotada; o ritual de auto-exaltação foi cumprido, e, mesmo perdendo, foi Campeã.

IV. Conclusão

Desde o início frisei não nutrir intenções de responder, pragmaticamente, a nenhuma das indagações que formulei, meu intuito era o de somente entender, talvez mais expor do que entender propriamente. Minha experiência no Maracanã e com futebol ainda é muito iniciante, foi movida pelo fascínio desta experiência e pelo fascínio com uma torcida imensa, que lota o estádio para promover uma festa de auto-exaltação, quer o time ganhe ou perca, que resolvi embrenhar-me por campos dantes desconhecidos. Todavia, foi desse ponto de partida que visualizei outros microcosmos que se interligavam, muitos através dos discursos referentes à emoção que eram construídos nos estádios e, por conseguinte, construíam novos estados, novos contextos. A experiência agradável e libertadora; a possibilidade de exacerbação de “estados psicológicos” – alegria, tristeza, etc. – permitidos dentro dos estádios, talvez até mesmo esperado, como, por exemplo, o choro masculino, (por parte de jogadores e torcedores) que perde a sua característica “feminilizante” e incorpora valores ligados à fidelidade, paixão, do torcedor ou jogador para com seu time, reafirmando os sentimentos de honra e respeito pelo clube, e que perpassam o universo masculino, são todos, cada qual demarcado por um contexto particular, baseados nos discursos sobre a emoção.

Sendo assim, creio que Elias esteja certo, contudo não posso fadar à pura e simples busca da excitação, seria simplificar demasiadamente e fechar os olhos para toda a complexidade e singularidade da relação que a torcida rubro-negra estabeleceu com seu time e, como a própria se inventou e reinventou contando, como sabiamente disse DaMatta, uma história de si mesma, para si própria. Somente posso afirmar que, diferentemente do jogo da vida, neste, ela não sairá derrotada.

Bibliografia:

ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine. 1990. Emoção, Discurso e Política da vida cotidiana. In: ____ (ed.) *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press.

DAMATTA; GUEDES; NEVES; VOGEL. 1982. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Pinakotheke.

ELIAS, Norbert. 1985. *A busca da excitação*. Lisboa: Ed. Difel.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. Tema, método e objetivo desta pesquisa, in. *Argonautas Do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ed. Abril S. A. 2ª edição.

PULMAN, Bertrand. 1988. Pour une histoire de la notion de terrain. *Gradhiva* nº 5.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 1996. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro.

Notas:

¹ Pesquisa encomendada pelo Ministério dos Esportes intitulada “Observatório do Torcedor”. À primeira vista o trabalho resumia-se a um fazer burocrático de aplicação de questionários e averiguação da adequação dos estádios às normas redigidas em leis do Estatuto Do Torcedor. Não foi difícil perceber que o mesmo transcendia o status burocrático, tendo em vista o seu reconhecimento pelos torcedores, que, em não raros casos, voluntariavam-se a participar, demonstrando uma relação de intimidade entre eles e o estádio – o Maracanã; mas essa relação, ao meu ver, não se fechava na assertiva torcedores-consumidores, não excluiu esse caráter, todavia, jazia ali uma relação latente de propriedade da coisa pública, e, a frase mais elucidativa desse fato, expressa por um torcedor a mim enquanto falava sobre a hipótese de privatização do estádio, creio que seja: “O Maracá é Nosso”.

² Há nessa expressão um significado duplo; primeiro, que o esporte, e, nesse caso, o futebol, possibilita a reificação da idéia de nação transpondo-a na figura de um time, e, segundo, que o número de torcedores do flamengo é tamanho que se compara, hiperbolicamente, a uma nação.

³ Estou ciente da complexidade das questões aqui levantadas, proponho-me não a respondê-las pragmaticamente, mas a refletir sobre as mesmas, não nutro intenções, simplesmente sou movida pela curiosidade de entender o que tanto me fascinou.

⁴ In. Antropologia Estrutural

⁵ Ao final do século XVII o signo *campo* passou a designar o lugar onde se realizam as operações militares, e, especificamente, a arena onde se pratica um duelo. E foi nesse contexto que surgiu a expressão “ir ao campo” (Pulman 1988).

⁶ Elias, Norbert (1985)

⁷ Jornal O DIA, segunda-feira, 26 de novembro de 2007. ANO 9. n° 3499 - Revista Ataque - pg, 08 e 09.

⁸ Numa rara vez em que a torcida vaiou o time do Flamengo ouvi um torcedor pedindo para que parassem, pois, segundo este torcedor, o time não era bom, e, vaiando, só ficaria pior.

⁹ O Dia e O Lance - Segunda-feira, 26 de novembro de 2007